

Perspectivas em Engenharia, mídias e gestão do conhecimento

VOLUME II

EDUARDO ZEFERINO MAXIMO
GISELY JUSSYLA TONELLO MARTINS
JOÃO ARTUR DE SOUZA
LUANA EMMENDOERFER
NERI DOS SANTOS
PALMYRA FARINAZZO REIS REPETTE
RICARDO PEREIRA
ORGANIZADORES



2021

Eduardo Zeferino Maximo
Gisely Jussyla Tonello Martins
Luana Emmendoerfer
João Artur de Souza
Neri dos Santos
Palmyra Farinazzo Reis Repette
Ricardo Pereira
(Organizadores)

Perspectivas em Engenharia, Mídias e
Gestão do Conhecimento
Volume II



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2021 Os Autores
Copyright da Edição© 2021 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora

Edição de Arte: A editora. Imagens de capa e contra-capa: Canva.com

Revisão: O(s) autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris Argentel-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA

- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P466	<p>Perspectivas em engenharia, mídias e gestão do conhecimento [livro eletrônico]: volume II / Organizadores Eduardo Zeferino Maximo... [et al.]. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 164p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-45-1 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319451</p> <p>1. Engenharia – Pesquisa – Brasil. 2. Gestão do conhecimento. I. Maximo, Eduardo Zeferino. II. Martins, Gisely Jussyla Tonello. III. Emmendoerfer, Luana. IV. Souza, João Artur de. V. Santos, Neri dos. VI. Repette, Palmyra Farinazzo Reis. VII. Pereira, Ricardo.</p> <p style="text-align: right;">CDD 620</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
 Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Santa Catarina destaca-se nacionalmente como um Estado inovador, berço de startups e com um pólo tecnológico em amplo desenvolvimento. Também, dotado de belezas naturais e um litoral encantador, é um dos principais destinos turísticos do Brasil. Esse contexto, aliado à peculiaridade de abrigar um povo empreendedor caracteriza o Estado Catarinense como um dos mais desenvolvidos (social e economicamente) do país.

Em consonância com essa realidade, o livro *Perspectivas em Engenharia, Mídias e Gestão do Conhecimento*, em seu segundo volume, traz dez capítulos que tratam de temas relacionados à startups, turismo, empreendedorismo, gestão do conhecimento, gestão de processos, nudge no design de conteúdo e cidades inteligentes. O livro é fruto da compilação de trabalhos de pesquisadores e professores do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina.

O capítulo de abertura do Volume II trata de capacidade absorptiva em startups, em especial visa compreender como essas organizações desenvolvem sua capacidade de absorção de conhecimentos a fim de manter-se competitivas em processo contínuo de inovação. Por meio de uma revisão sistemática de literatura, o estudo demonstra que as startups desenvolvem sua capacidade absorptiva por meio das interações com organizações já estabelecidas. Assim, como recomendações futuras, sugere-se a investigação da capacidade absorptiva das startups em redes interorganizacionais de aprendizagem, como um modo de potencialização do seu aprendizado.

O Segundo capítulo, ainda tratando de startups, traz para discussão o Lean Startup, método direcionado para agilidade e dinamismo no processo de inovação de organizações intensivas em conhecimento. As empresas para se adaptarem às novas exigências do mercado precisam migrar do modelo organizacional típico da era industrial para o modelo organizacional próprio da era do conhecimento e, para tanto, passa a ser necessário não só contemplar os avanços tecnológicos como integrar no seu ciclo de processos a abordagem interdisciplinar para geração de valor e competitividade. Assim, este capítulo, por meio de uma revisão sistemática da literatura aprofunda as questões relacionadas à metodologia Lean Startup, que têm demonstrado uma elevada capacidade de dinamismo e agilidade para identificar as alterações no ambiente de negócio e converter essa percepção em produtos e serviços que atendam às necessidades reais dos consumidores/clientes.

O terceiro capítulo, por sua vez, é um estudo de caso em uma startup sediada em Florianópolis. O estudo visa compreender como a comunicação interna impacta a gestão da inovação em empresas desse tipo.

O quarto capítulo aborda como o design de serviços pode contribuir para aproveitar o potencial de projetos de serviços de destinos turísticos, melhorando a competitividade, qualidade e cocriação de valor aos usuários. Por meio de uma revisão integrativa de literatura, o estudo buscou analisar como destinos turísticos podem se beneficiar do design de serviços, além de identificar as relações da sua aplicabilidade.

O quinto capítulo, ainda tratando de turismo, mostra como a governança multinível, por meio dos seus elementos, pode contribuir para o desenvolvimento de destinos turísticos, a partir de um estudo de caso em um Estado do Sul do Brasil. O estudo constatou que o formato desenvolvido apresenta características que apontam para o modelo de MultiGov, o que dá autonomia e funcionalidade para o planejamento e execução das ações.

O sexto capítulo, por sua vez, compara a bibliografia disponível sobre empreendedorismo social e a experiência de um monge zen-Budista para analisar as características que definem um empreendedor social. Os resultados do estudo mostram um choque de valores entre o empreendedorismo social e o convencional, revelando a necessidade de se estudar o empreendedorismo social como um tipo de trabalho que visa beneficiar as pessoas, e que não pode ser mensurado por valores de mercado.

O sétimo capítulo busca, por meio de uma revisão integrativa de literatura, identificar a relação entre as práticas de gestão do conhecimento e coaching no setor público. O estudo evidencia a relação entre as práticas de Gestão do Conhecimento (GC) e o coaching e sugere caminhos para que se possa avançar na relação entre GC e coaching no serviço público.

No oitavo capítulo analisa-se o nível de maturidade em Gestão de Processos de Negócios (BPM) de uma organização pública, sob a perspectiva da GC. Para tanto, uma avaliação da relação entre maturidade em BPM e desempenho organizacional foi conduzida no Instituto Federal Catarinense (IFC). Utilizou-se, ainda, o modelo GCiBPM (Sena, 2015) para relacionar os resultados da avaliação com as fases da GC. Os resultados indicaram que a GC pode contribuir para a melhoria dos processos, potencializando o uso deste recurso e o alinhamento estratégico.

No penúltimo capítulo deste Volume, buscou-se identificar os elementos nudges utilizados no aplicativo de ensino de idiomas Duolingo para engajar os usuários. Discutiu-se os conceitos de design de conteúdo, arquitetura da escolha e nudges, para a compreensão da importância do elemento nudge para o engajamento dos alunos tendo como referência autores como Afify (2018), Bieging & Busarello (2014), Silva (2007) e Thaler (2019). A partir do estudo realizado, foi possível perceber que o aplicativo utiliza elementos nudges desde o cadastro para prender a atenção do leitor e fazê-lo iniciar seu percurso de aprendizado e, durante o uso do aplicativo, faz uso de diversos elementos nudges em vários momentos para manter o usuário engajado.

O Capítulo que encerra o volume 2 do livro *Perspectivas em Engenharia, Mídias e Gestão do Conhecimento* busca, por meio de uma revisão sistemática, os conceitos e definições utilizados pelos pesquisadores para o termo Smart City; e mapear características e pensamentos convergentes destes pesquisadores, buscando entender e contribuir para o delineamento de um conceito global de Cidade Inteligente. Entre os principais resultados do estudo está o mapeamento de cinco características convergentes na definição de uma Cidade Inteligente: i) TICs; ii) pessoas; iii) sustentabilidade; iv) urbanização; e v) governança.

Eduardo Zeferino Maximo
João Artur de Souza
Ricardo Pereira

SUMÁRIO

Apresentação	4
Capítulo I	7
Capacidade Absortiva em <i>Startups</i> : uma revisão sistemática	7
Capítulo II	21
<i>Lean Startup</i> : um método direcionado para agilidade e dinamismo no processo de inovação das organizações do conhecimento	21
Capítulo III	36
Inovação e comunicação interna em startups: o caso da <i>Involves</i>	36
Capítulo IV	47
<i>Design</i> de serviços e de experiências em destinos turísticos: resultados bibliométricos preliminares de uma revisão integrativa	47
Capítulo V	61
O modelo de governança multinível para o desenvolvimento de destinos turísticos	61
Capítulo VI	75
Unindo pessoas com o silêncio: os valores do empreendedorismo social e a trajetória de um monge budista	75
Capítulo VII	87
Relação entre práticas de gestão do conhecimento e coaching no setor público: uma revisão sistemática de literatura	87
Capítulo VIII	100
A maturidade em gestão de processos de negócios sob a perspectiva da gestão do conhecimento	100
Capítulo IX	117
O Nudge no design de conteúdo no aplicativo de idiomas Duolingo	117
Capítulo X	128
Cidades Inteligentes: Percepções e Definições em uma Análise Sistemática da Literatura	128
Índice remissivo	147
Sobre os organizadores	148
Sobre os Autores	153

Capacidade Absortiva em *Startups*: uma revisão sistemática

 10.46420/9786588319451cap1

Gisely Jussyla Tonello Martins^{1*} 

Patricia de Sá Freire² 

INTRODUÇÃO

No atual ambiente de negócios, dinâmico e complexo, as organizações têm encontrado barreiras e dificuldades para capitalizar todo o conhecimento necessário e relevante para sua sobrevivência (Perez, Whitelock; Florin, 2013). Para renovar sua ação estratégica as organizações precisam explorar o novo, ou seja, aprender coisas novas e, também, realizar a aplicação adequada do que já foi aprendido, a chamada exploração (Crossan, Lane; White, 1999).

Essa capacidade é chamada de absorptiva e está relacionada à capacidade de aprendizado das organizações, especialmente nos estágios de aquisição e assimilação do conhecimento (Zahra; George, 2002; Jeong et al., 2020). Ao assumirmos que a capacidade absorptiva é uma capacidade dinâmica, que contribui fortemente para que a empresa se torne capaz de criar vantagens competitivas sustentáveis e inovar (Cohen; Levinthal, 1990; Zahra; George, 2002), o fracasso no desenvolvimento desta na organização acaba se tornando uma barreira ao desenvolvimento organizacional e, por conseguinte, à inovação (Joshi, 2018).

Ocorre que, apenas a exposição ao conhecimento não é suficiente para o incremento da capacidade de absorção das organizações (Zahra; George, 2002), dado que, é a tensão existente entre a exploração do novo e a exploração do aprendizado que deve ser gerenciada pela organização, a fim de garantir a aprendizagem e o aperfeiçoamento da sua estratégia (Crossan, Lane; White, 1999).

Deste modo, Cajuela e Galina (2020) explicam que a “capacidade de absorção é vista como uma competência essencial para as organizações e a forma como é efetivamente implementada nas empresas permanece relativamente mal conhecida (Aribi & Dupouët, 2016)”. Outro ponto a observar é que “a capacidade de aprendizagem das empresas muda ao longo do tempo, à medida que passam por diferentes estágios de crescimento do negócio” (Ruhnka; Young, 1991 *apud* Jeong et al., 2020).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

² Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento PPGEGC/UFSC.

* Autor(a) correspondente: giselytm@gmail.com.

Dessa maneira, é importante buscar conhecer de modo mais detalhado como organizações, de vários estágios de maturidade, aplicam sua capacidade absorptiva. Assim, nesta pesquisa o foco está sobre a capacidade de absorção de conhecimento das organizações do tipo *startups*, que são organizações jovens e que “estão mais propensas a utilizar e explorar mudanças de mercado e de hábitos como oportunidades de negócios” (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, 2019).

Além disso, este modelo de negócio tem sido incentivado nos últimos anos no país. Sendo assim, importa compreender de que modo as *startups* desenvolvem sua capacidade de absorção de conhecimentos do ambiente externo, de modo a reconfigurar sua ação estratégica. Para tanto, este estudo elencou como pergunta de pesquisa: *Como as startups desenvolvem sua capacidade absorptiva a fim de inovar e se manter competitivas?*

Este artigo está organizado em seis partes, sendo a primeira esta introdução. Na seção seguinte são apresentados os pressupostos teóricos que trazem fundamentos a este estudo e em seguida são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a efetivação da revisão sistemática. Na seção posterior é elaborada a análise dos dados e em seguida discutem-se os resultados. Por fim, são apresentadas as referências utilizadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção contém a base teórica que fundamenta este estudo. Inicialmente é apresentado o construto capacidade absorptiva e em seguida é apresentado o conceito da capacidade absorptiva em empresas do tipo *startups*.

CAPACIDADE ABSORTIVA

O conceito de capacidade absorptiva foi inicialmente proposto por Cohen e Levinthal (1990), que a definiram como “a capacidade de uma empresa de reconhecer o valor de novas informações externas, assimilá-las e aplicá-las a fins comerciais”. Zahra e George (2002), a partir deste conceito inicial, definiram a capacidade absorptiva “como um conjunto de rotinas e processos organizacionais pelos quais as empresas adquirem, assimilam, transformam e exploram o conhecimento para produzir uma capacidade organizacional dinâmica”.

Zahra e George (2002) propõem quatro dimensões para a capacidade de absorção, que são: aquisição, assimilação, transformação e exploração. A aquisição envolve a constatação e captação de conhecimento externo relevante. Já a assimilação é a absorção deste conhecimento internamente. A transformação, por sua vez, refere-se à combinação deste conhecimento novo, junto ao já existente na organização. Por fim, a exploração é a capacidade de incorporar estes conhecimentos a fim de desenvolver novas competências ou incrementar as já existentes.

Zahra e George (2002) ainda dividem a capacidade de absorção das organizações em potencial e realizada. A capacidade absorptiva potencial envolve a aquisição e assimilação do conhecimento. Já a capacidade realizada, refere-se à incorporação do conhecimento assimilado às operações, por meio da transformação e da exploração, produzindo inovações e criando vantagens competitivas sustentáveis.

Em seu artigo seminal, Cohen e Levinthal (1990) enfatizaram a importância da capacidade absorptiva para a capacidade de inovar da organização. E, sendo assim, segundo Tidd, Bessant e Pavitt (2008),

a inovação diz respeito especialmente à aprendizagem, tanto no sentido de aquisição quanto de exploração de conhecimento de modo estratégico, e também de aquisição e reforço de padrões de comportamento que permitem que essa aprendizagem de construção de competência ocorra. A gestão da inovação está estreitamente relacionada à identificação e capacitação de desenvolvimento de padrões de comportamento – rotinas – que tornam esse tipo de aprendizagem possível.

Levando-se em conta a relação entre a capacidade absorptiva e a capacidade de inovação organizacional, faz sentido buscar entendimento sobre a forma de aplicação da capacidade absorptiva em organizações inovadoras, ou seja, que possuem notadamente capacidades inovadoras, como por exemplo, as *startups*, tema que será apresentado a seguir.

CAPACIDADE ABSORTIVA EM *STARTUPS*

De acordo com Ries (2012), uma *startup* é um tipo de organização que desenvolve inovações em ambientes turbulentos e incertos. Para Blank e Dorf (2014) uma *startup* atua de modo flexível buscando formas de tornar seu modelo de negócios repetível e escalável, ou seja, capaz de crescer sem sofrer muitas alterações na estrutura. Nesse sentido, uma *startup* é um tipo de organização inovadora, que atua em ambientes intensivos em conhecimento e que, portanto, precisa aprender rápido e de modo ordenado para sobreviver (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, 2019).

Para Jeong et al. (2020), a capacidade absorptiva das *startups* refere-se à capacidade de captar e integrar conhecimento externo relevante. E, a teoria aponta que a inovação contribui para a sobrevivência das *startups* quando permite a criação de capacidade absorptiva (Zahra; George, 2002; Hyytinen, Pajarinen; Rouvinen, 2015). Considerando então os ambientes complexos e intensivos em conhecimento em que as *startups* atuam, Tidd, Bessant e Pavitt (2008, p. 44) enfatizam que, “os tipos de comportamentos organizacionais necessários em tal situação incluem fatores como agilidade, flexibilidade, habilidade para aprendizagem rápida, ausência de preconceitos sobre a forma como as coisas podem vir a evoluir etc.”.

E o fato é que, estes comportamentos em geral são associados a empresas pequenas e jovens, como as *startups*, dado que geralmente são conflitantes com o comportamento usual das empresas de grande porte e já estabelecidas (Tidd, Bessant; Pavitt, 2008). Dessa forma, “ao se envolver com *startups*, as empresas

corporativas ativam processos de aprendizagem interorganizacional com o objetivo de melhorar suas capacidades de exploração e exploração” (Steiber, Alänge; Corvello, 2020).

Considerando o exposto, a capacidade absorptiva nas *startups* está diretamente ligada à sua capacidade de aprender nos ambientes turbulentos em que atuam, que pode ocorrer especialmente a partir das suas interações com outras organizações maiores e já estabelecidas (Moon, 2011; Perez, Whitelock; Florin, 2013; Joshi, 2018; Allmendinger; Berger, 2020; Cajuela; Galina, 2020; Steiber, Alänge; Corvello, 2020).

Sendo assim, este estudo investiga como as *startups* desenvolvem sua capacidade absorptiva, a partir das interações com outras organizações mais maduras e estabelecidas no ambiente de negócios, e como e se estas relações contribuem para a potencialização da sua aprendizagem, de modo a contribuir para a sua *performance*.

METODOLOGIA

O método utilizado na presente pesquisa foi a revisão sistemática da literatura, que é a revisão realizada com rigor metodológico, por meio da adoção de um processo de pesquisa replicável e claro. A aplicação deste método, oriundo da área da saúde, na área de gestão tem como objetivo o conhecimento de um corpo de evidências confiáveis para melhor embasar os processos de tomada de decisão (Tranfield, Denyer; Smart, 2003).

Assim, para o desenvolvimento da pesquisa foram seguidas as três fases principais da revisão sistemática, que compreendem: 1) planejamento; 2) condução da pesquisa; e 3) disseminação (Tranfield, Denyer; Smart, 2003). Na primeira fase, foi realizada a identificação do problema, a contextualização do tema, bem como a definição da pergunta de pesquisa e os objetivos a serem alcançados.

No estágio de condução foi realizada a busca na literatura, onde foram definidos os construtos a serem pesquisados, as estratégias de busca, as bases de dados e os critérios de inclusão e exclusão dos estudos. Em seguida foram selecionados os trabalhos a serem analisados, a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave. A análise de dados se deu a partir da categorização dos estudos e interpretação dos resultados levantados. Por fim, no último estágio, de disseminação dos resultados, foi construída a síntese do estudo.

A partir da pergunta de pesquisa, foi realizada a pesquisa bibliográfica nas bases de dados *Scopus*, *Web of Science* e *SciELO*, em novembro de 2020. As buscas foram realizadas utilizando-se os termos (“*absorptive capacity*” AND *startup**) nos títulos, resumos e palavras-chave. Como critérios de inclusão, foram pesquisados estudos do tipo artigos e revisões, sem delimitação de data, idioma ou acesso. Os critérios de exclusão, por sua vez, referiram-se à não disponibilidade do texto completo nos idiomas inglês, português, italiano ou espanhol. A busca retornou 51 documentos, conforme apresentado na Tabela 1:

Tabela 1. Busca nas bases de dados. Fonte: As autoras (2020).

Bases de Dados	Nº Artigos
Scopus	10
Web of Science	39
Scielo	2
Total de artigos identificados	51

As referências foram exportadas para o software gerenciador de referências EndNote, onde foram identificadas e removidas as duplicadas, restando uma amostra inicial de 44 estudos. A partir daí foi realizada a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave e 25 artigos foram removidos da seleção por não tratarem diretamente sobre o tema capacidade absorptiva ou por não se referirem a empresas do tipo *startups*.

Para os 19 artigos restantes na amostra foi realizada a busca do texto completo por meio da ferramenta *EndNote*. Os arquivos que a ferramenta não localizou de modo automático foram buscados manualmente pelas autoras nas ferramentas *Google*, *Google Acadêmico* e no Portal da Capes. Além disso, um artigo foi solicitado diretamente ao autor por meio do portal *Research Gate*. Foram então localizados 10 documentos para leitura completa, que constituíram a amostra selecionada para o estudo, conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1. Artigos analisados a partir da revisão sistemática. Fonte: As autoras (2020).

Nº	AUTOR(ES)	ANO	TÍTULO
1	Moon, S.	2011	<i>“What determines the openness of a firm to external knowledge? Evidence from the Korean service sector.”</i>
2	Perez, L., Whitelock, J.; Florin, J.	2013	<i>“Learning about customers Managing B2B alliances between small technology startups and industry leaders.”</i>
3	Hyytinen, A., Pajarinen, M.; Rouvinen, P.	2015	<i>“Does innovativeness reduce startup survival rates?”</i>
4	Toole, A. A., Czarnitzki, D.; Rammer, C.	2015	<i>“University research alliances, absorptive capacity, and the contribution of startups to employment growth.”</i>
5	Joshi, T.	2018	<i>“The Dynamics of Knowledge Sharing in the Biotechnology Industry: An Indian Perspective.”</i>
6	Allmendinger, M. P.; Berger, E. S. C.	2020	<i>“Selecting corporate firms for collaborative innovation: entrepreneurial decision making in asymmetric partnerships.”</i>
7	Cajuela, A. R.; Galina, S. V. R.	2020	<i>“Processos em Relacionamentos Interorganizacionais para Desenvolvimento de Capacidade de Absorção em Startups.”</i>
8	Haneberg, D. H.	2020	<i>“Interorganizational learning between knowledge-based entrepreneurial</i>

			<i>ventures responding to COVID-19.</i> “
9	Jeong, J., Kim, J., Son, H.; Nam, D. I.	2020	<i>“The role of venture capital investment in startups' sustainable growth and performance: Focusing on absorptive capacity and venture capitalists' reputation.” (Switzerland) 12(8).</i>
10	Steiber, A., Alänge, S.; Corvello, V.	2020	<i>“Learning with startups: an empirically grounded typology”</i>

Em seguida, foi elaborada a matriz de síntese (Garrard, 2011) com os dados dos artigos selecionados, a fim de categorizá-los a partir das similaridades encontradas. Com o uso da matriz foi possível classificar os documentos a partir da abordagem de pesquisa empregada (qualitativa ou quantitativa), com base no objetivo adotado pelo estudo quanto à investigação da capacidade de absorção de conhecimento da *startup* e, por fim, a partir ainda da categoria de análise, conforme será detalhado na próxima seção.

DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados encontrados na pesquisa. Na análise foi possível observar que as publicações ocorreram prioritariamente na última década, sendo que metade delas no ano corrente de 2020, o que demonstra o crescimento do interesse pelo tema na atualidade. A figura 1 detalha estes dados.



Figura 1. Total de Artigos por ano de publicação. Fonte: As autoras (2020).

Especificamente este aumento de interesse no ano de 2020 pode estar relacionado ao contexto da pandemia COVID-19 que trouxe muitas mudanças no ambiente de negócios, especialmente para as *startups* que tiveram que adaptar seus modelos de negócio ao novo cenário. Uma pesquisa publicada em setembro de 2020 por professores de *Harvard, Stanford, British Columbia* e da Universidade de Chicago, realizada com

mais de 1.000 investidores de capital de risco, de mais de 900 empresas diferentes, constatou que 52% das *startups* investidas foram positivamente afetadas pela pandemia (ou não foram afetadas), 38% sofreram impacto negativo, sendo que, apenas 10% foram gravemente afetadas pela pandemia (Gompers et al., 2020).

Já no Brasil, um relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento, publicado também em setembro de 2020, aponta que 75% das *startups* nacionais sofreram consequências negativas com a pandemia COVID-19, sendo que, para pelo menos 25% delas, os danos sofridos foram considerados severos (Morelix et al., 2020). Estes dados além de alertar para a possível diferença entre os perfis de investidores estrangeiros e brasileiros, apontam para as diferentes características das *startups* brasileiras. Nesse contexto, como visto na figura 1, há o agressivo aumento do interesse pela pesquisa sobre a capacidade de absorção de conhecimentos das *startups*.

Quanto às palavras-chave utilizadas pelos estudos, estas são apresentadas na figura 2, por meio de uma nuvem de palavras que representa os termos utilizados a partir de sua frequência de uso. Este tratamento dos dados nos permite identificar que para as publicações analisadas, a capacidade de absorção de conhecimento está diretamente relacionada à inovação aberta, empreendedorismo e aprendizagem interorganizacional.



Figura 2. Palavras-chave. Fonte: As autoras (2020), elaborado em wordart.com.

Outro ponto levantado foi que, entre os 10 artigos analisados, foram identificados 23 autores diferentes, todos tendo publicado apenas um dos trabalhos. Além disso, constatou-se que metade dos estudos adotou uma abordagem quantitativa, enquanto que os demais adotaram uma abordagem de natureza qualitativa, sendo que todos os estudos eram de natureza empírica. A análise dos trabalhos

demonstrou também que os objetivos foram os mais variados, denotando a investigação da relação da capacidade absorptiva com temas como aprendizagem, crescimento, inovação e sobrevivência das *startups*. Por fim, com base nos temas das 10 publicações levantadas, foi possível identificar duas principais categorias de análise para os estudos, conforme apresentado no quadro 2.

Sobre a classificação dos artigos nas categorias, convém observar que o estudo de Haneberg (2020) poderia ser classificado em ambas as categorias, justamente por abordar tanto os relacionamentos interorganizacionais quanto o crescimento e sobrevivência das *startups*. No entanto, optou-se por alocá-lo na categoria 2 justamente pelo fato de que o foco do estudo está muito mais na sobrevivência das *startups* do que no relacionamento interorganizacional. Na próxima seção é apresentada a discussão sobre as categorias.

Quadro 2. Categorias dos artigos analisados. Fonte: As autoras (2020).

Categorias de análise	Quantidade de Artigos	Artigos
1. Capacidade absorptiva em relacionamentos interorganizacionais entre <i>startups</i> e organizações de grande porte	6	Moon (2011); Perez, Whitelock e Florin (2013); Joshi (2018); Allmendinger e Berger (2020); Cajuela e Galina (2020); Steiber, Alänge e Corvello (2020).
2. Influência da capacidade absorptiva no crescimento, desempenho e sobrevivência das <i>startups</i> .	4	Hyytinen, Pajarinen e Rouvinen (2015); Toole, Czarnitzki e Rammer (2015); Haneberg (2020); Jeong et al. (2020).

DISCUSSÃO

Nesta seção é realizada a discussão acerca dos resultados levantados em cada categoria, buscando apresentar as diferentes visões dos trabalhos e autores sobre a capacidade absorptiva em *startups*.

CAPACIDADE ABSORTIVA EM RELACIONAMENTOS INTERORGANIZACIONAIS ENTRE *STARTUPS* E ORGANIZAÇÕES DE GRANDE PORTE.

Nesta categoria, os estudos investigaram a capacidade absorptiva das *startups* quando estas se envolvem em relacionamentos interorganizacionais com organizações maiores e já estabelecidas. O estudo mais antigo foi o de Moon (2011), que procurou compreender os fatores que influenciam as organizações do setor de serviços da Coreia do Sul a buscarem conhecimentos externos. Neste segmento, foi observado que o fato de ser uma *startup* é um dos elementos que influenciam a abertura a conhecimentos do mercado e à inovação.

A pesquisa identificou ainda que a capacidade absorptiva é um dos principais fatores influenciadores,

entretanto, ao comparar as *startups* às empresas estabelecidas, as *startups* se mostraram menos abertas ao conhecimento externo, especialmente pelo fato de que isto pode trazer risco à sua propriedade intelectual colocando-as em desvantagem. Outro ponto importante destacado é que no estudo as *startups* se mostraram mais abertas a buscar conhecimentos em fontes públicas do que privadas (Moon, 2011).

Ao avaliar a capacidade absorptiva potencial e a realizada (Zahra; George, 2002), Cajuela e Galina (2020) constataram que as *startups* participantes de programas de aceleração buscam com maior ênfase estabelecer seus processos de aquisição e assimilação do conhecimento e, portanto, desenvolvem com mais força a capacidade absorptiva potencial. Isto ocorre especialmente a partir das capacitações e da rede de mentores oferecidos pelo programa (aquisição) e das interações com as grandes empresas (assimilação) (Cajuela; Galina, 2020). Neste ínterim, a utilização de processos de mentorias é considerada eficaz também para o compartilhamento do conhecimento (Joshi, 2018).

No que se refere à capacidade absorptiva realizada, Cajuela e Galina (2020) constataram que esta influencia o desempenho das *startups* a partir da inovação alcançada por meio da adaptação de sua estrutura e produtos para a empresa parceira, o que corresponde à etapa de transformação. Já a exploração não foi identificada de modo relevante.

Um ponto crítico que pode ser observado nas alianças estabelecidas entre *startups* e companhias maiores é a transferência de conhecimento e tecnologia, dado que, o conhecimento envolvido pode ser tanto tácito quanto complexo e, portanto, de difícil transferibilidade. Neste caso, o compartilhamento de conhecimento é um processo essencial para o desenvolvimento da capacidade absorptiva das *startups* (Joshi, 2018).

Ao investigar como as *startups* estavam lidando com esta questão no setor de biotecnologia na Índia, Joshi (2018) identificou alguns facilitadores e inibidores. Como facilitadores, o autor reportou que o compartilhamento tende a ser maior em equipes que envolvem uma ou mais organizações, e quando a equipe está envolta em metas comuns. Já como fatores inibidores do compartilhamento do conhecimento, foram identificados a urgência temporal para finalização dos projetos e diferenças hierárquicas na equipe. Outro fator observado é que quando a *startup* está envolvida em várias alianças, o compartilhamento do conhecimento tende a ser reduzido, dado o tempo gasto na gestão destas múltiplas parcerias (Joshi, 2018).

Ao avaliar a capacidade de aprendizado nos relacionamentos interorganizacionais entre *startups* e seus clientes corporativos líderes de mercado, Perez, Whitelock e Florin (2013), focaram na perspectiva de marketing, na criação de valor e na inovação. Como principais descobertas, os autores identificaram que a similaridade de características entre as partes contribui para o aprendizado, a criação de valor e a inovação. Convém ressaltar, no entanto, que a aplicação de um modelo de interação e aprendizagem interorganizacional entre *startups* e organizações maiores deve considerar as diferenças entre os atores, dado que, estas parcerias são mais marcadas pelas diferenças de características entre as partes

(Allmendinger; Berger, 2020; Steiber, Alänge; Corvello, 2020), do que pelas similaridades.

“Essas diferenças estão especialmente ligadas à estrutura, comunicação, poder e recursos disponíveis (Das e He, 2006), mas também à sua capacidade de absorção (Larrañeta et al., 2017)”, o que pode levar a uma disputa pela aprendizagem entre os parceiros (Allmendinger e Berger, 2020).

As diferenças nas rotinas organizacionais, então, são a razão e o principal obstáculo na aprendizagem interorganizacional entre grandes corporações e *startups* quando o conhecimento relacionado aos processos de exploração e exploração ultrapassa as fronteiras organizacionais (Brix, 2019). (Steiber, Alänge; Corvello, 2020).

Por fim, considerando ainda que a aprendizagem organizacional é um fenômeno multinível (Crossan, Lane; White, 1999), Perez, Whitelock e Florin (2013), observaram uma sequência de quatro passos de aprendizagem entre as *startups* e as empresas estabelecidas, que evoluem da simples troca de conhecimentos até a cocriação. Neste contexto, a aprendizagem experiencial é considerada muito importante para o compartilhamento dos conhecimentos (Joshi, 2018).

INFLUÊNCIA DA CAPACIDADE ABSORTIVA NO CRESCIMENTO, DESEMPENHO OU SOBREVIVÊNCIA DAS *STARTUPS*

Nesta categoria, são analisados os artigos que relacionam o construto da capacidade absorptiva em *startups* e seus efeitos no crescimento, desempenho ou sobrevivência deste tipo de organização. No que se refere ao crescimento, um dado interessante apontado pela literatura é que as *startups* que possuem de um a cinco anos de operação em setores intensivos em conhecimento contribuem para o crescimento das taxas de emprego na economia, ofertando maior quantidade de empregos que empresas maiores, justamente por seu crescimento acelerado (Toole, Czarnitzki; Rammer, 2015).

A pesquisa de Toole, Czarnitzki e Rammer (2015) confirmou este dado em alianças de pesquisa universitária realizadas entre *startups* e universidades, as quais se caracterizam pela realização de projetos de P&D e outras conexões, como pesquisa e treinamentos. Assim, estas alianças contribuem para que empresas jovens baseadas em atividades intensivas em conhecimento, ou seja, em inovação, possam aumentar seu crescimento e, por conseguinte, suas ofertas de emprego. De acordo com o estudo, “a capacidade de absorção científica na *startup* é crítica para colher os benefícios das alianças de pesquisa universitária”, sendo que, uma maior taxa de crescimento dos empregos foi encontrada nas *startups* que tinham entre os fundadores um ex-pesquisador acadêmico (Toole, Czarnitzki; Rammer, 2015).

No que se refere à sobrevivência, Hyytinen, Pajarinen e Rouvinen (2015) constataram uma relação negativa entre a capacidade de inovação das *startups* e sua sobrevivência, o que normalmente não é encontrado nos estudos empíricos, embora os estudos teóricos tragam tanto relações positivas quanto negativas. De acordo com os autores, isto ocorre principalmente em função do risco associado à inovação e do acesso a financiamentos externos, nos estágios iniciais da organização. Neste sentido, a pesquisa de

Jeong et al. (2020) buscou identificar o papel da capacidade absorptiva na *performance* das *startups* em rodadas de investimento de capital de risco, nos seus vários estágios de crescimento. O estudo constatou que quanto mais cedo a *startup* recebe investimento de capital de risco, maior é o seu desempenho, o que demonstra “que o investimento em capital de risco leva ao crescimento sustentável no estágio inicial”.

E, neste contexto, a capacidade de absorção potencial é uma variável moderadora (Jeong et al., 2020), dado que,

as empresas que retêm um alto nível de capacidade potencial de absorção em seu estágio inicial teriam melhor controle e desenvolveriam sua capacidade de estender o escopo de conhecimento e tecnologia do que outras. [...] Assim, o alto potencial de capacidade de absorção das *startups* fortaleceria os efeitos da rodada inicial investida no desempenho da empresa, ao contrário do caso de baixa capacidade de absorção potencial (Jeong et al., 2020).

Por fim a pesquisa de Haneberg (2020) procurou levantar como a aprendizagem interorganizacional pode ajudar as *startups* a se desenvolverem e sobreviver em situações de crise, como a causada pela pandemia COVID-19. Como principais achados, o artigo constatou que a crise afetou as *startups* reduzindo as ações de aprendizagem interorganizacional. E como recomendações, a pesquisa aponta que as *startups* que desejam sobreviver a uma crise a partir da aprendizagem interorganizacional devem se engajar em atividades que priorizem a interação e a colaboração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo trouxe algumas descobertas sobre a capacidade de absorção de conhecimento das *startups*. Inicialmente, observou-se que as *startups* tendem a ter abertura a conhecimentos externos em menor grau em comparação às empresas estabelecidas, especialmente em função do risco de perda da propriedade intelectual (Moon, 2011).

A capacidade absorptiva potencial tende a ser mais desenvolvida pelas *startups*, do que a realizada (Cajuela; Galina, 2020) e, quanto maior a capacidade absorptiva potencial no estágio inicial da *startup*, melhor o desempenho dela quando investida neste estágio (Jeong et al., 2020). Nesse sentido, o acesso a mentorias, capacitações e aprendizagem experiencial podem contribuir para o seu incremento (Joshi, 2018; Cajuela; Galina, 2020).

As diferenças entre a *startup* e as empresas com as quais se relaciona podem dificultar sua capacidade de absorção de conhecimento, especialmente em razão das disparidades de estrutura, poder, conhecimentos, entre outros (Allmendinger; Berger, 2020; Steiber, Alänge; Corvello, 2020),

O crescimento acelerado das *startups* contribui para sua alta oferta de vagas de emprego, o que se confirmou nos projetos realizados entre estas empresas e universidades, a partir da capacidade de absorção de conhecimentos científicos da *startup* (Toole, Czarnitzki; Rammer, 2015).

Ainda, a capacidade de inovação das *startups* foi negativamente correlacionada à sua sobrevivência por Hyytinen, Pajarinen e Rouvinen (2015), o que pode demonstrar que não necessariamente sua

capacidade de absorção de conhecimentos para inovação pode ser significativa para sua sobrevivência.

Por fim, no enfrentamento de crises, a busca de sobrevivência deve passar pelo incentivo à aprendizagem interorganizacional por meio do engajamento em atividades colaborativas (Haneberg, 2020). E, sendo assim, o compartilhamento de conhecimento se torna um processo importante para a capacidade absorptiva das *startups* (Joshi, 2018).

Considerando o exposto, a partir deste estudo foi possível identificar que as *startups* desenvolvem sua capacidade absorptiva principalmente a partir das suas interações com outras organizações de maior porte e já estabelecidas no ambiente de negócios. E, desta forma, alguns pontos ficaram evidenciados nestas relações, tais como, a capacidade de aprender a partir das associações com parceiros mais experientes e com características diversas às suas.

Além disso, o fato das *startups* reduzirem sua capacidade de compartilhamento de conhecimento quando envolvidas em várias parcerias acende um alerta para a necessidade de uma melhor governança destas alianças a partir dos seus múltiplos níveis. Neste sentido, como forma de potencializar seu aprendizado, poder-se-ia investigar quais os aspectos influenciadores para o desenvolvimento da capacidade absorptiva das *startups* de maneira a evoluir no estabelecimento de redes interorganizacionais de aprendizagem.

Desta feita, como limitações deste estudo, tem-se o fato de que se trata de um estudo puramente teórico, e, sendo assim, como recomendações futuras, sugere-se que se busquem realizar pesquisas práticas relacionadas aos principais achados deste trabalho, a fim de buscar evidências empíricas sobre o desenvolvimento da capacidade absorptiva das *startups* em redes de aprendizagem interorganizacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allmendinger, M. P.; Berger, E. S. C. (2020). Selecting corporate firms for collaborative innovation: entrepreneurial decision making in asymmetric partnerships. *International Journal of Innovation Management*, 24(1).
- Blank, S.; Dorf, B. (2014). *Startup: manual do empreendedor*. Rio de Janeiro: Alta Books.
- Cajuela, A. R.; Galina, S. V. R. (2020). Processos em Relacionamentos Interorganizacionais para Desenvolvimento de Capacidade de Absorção em Startups [Processes in Interorganizational Relationships to Develop Absorptive Capacity in Startups]. *Revista de Administração Contemporânea*, 24(6), 550-566.
- Cohen, W. M.; Levinthal, D. A. (1990). Absorptive capacity: A new perspective on learning and innovation. *Administrative Science Quarterly*, 35: 128-152.
- Crossan, M.M., Lane, H.W.; White, R.E. (1999). An organizational learning framework: from intuition to institution. *Academy of Management Review*, 24(3), 522-537.

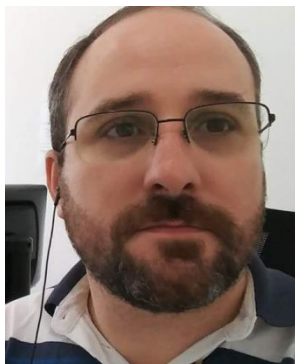
- Garrard, J. (2011). *Health Sciences Literature Review Made Easy: The Matrix Method*. 3rd ed. Jones & Bartlett Learning, Aug.
- Gompers, P., Gornall, W., Kaplan, S. N.; Strebulaev, I. A. (2020). *Venture Capitalists and COVID-19*. NBER Working Paper, No. 27824, September. Disponível em: https://www.nber.org/system/files/working_papers/w27824/w27824.pdf. Acesso em 01 dez. 2020.
- Haneberg, D. H. (2020). *Interorganizational learning between knowledge-based entrepreneurial ventures responding to COVID-19*. *Learning Organization*.
- Hyytinen, A., Pajarinen, M.; Rouvinen, P. (2015). Does innovativeness reduce startup survival rates? *Journal of Business Venturing*, 30(4), 564-581.
- Instituto Brasileiro de Governança Corporativa. (2019). *O papel do Conselho de Administração na inovação das organizações*. São Paulo, SP: IBGC Orienta, 2019.
- Jeong, J., Kim, J., Son, H.; Nam, D. I. (2020). The role of venture capital investment in startups' sustainable growth and performance: Focusing on absorptive capacity and venture capitalists' reputation. *Sustainability (Switzerland)*, 12(8).
- Joshi, T. (2018). The Dynamics of Knowledge Sharing in the Biotechnology Industry: An Indian Perspective. *Technology Innovation Management Review*, 8(1), 5-15.
- Morelix, A.; Matos, F.; De Oliveira, L.; Afonso, R.; Radaelli, V. (2020). *Startups do Brasil em meio à pandemia. Como o ecossistema brasileiro de startups tem enfrentado a crise da COVID-19: soluções, desafios e propostas para o futuro*. BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. Setembro. Disponível em: <https://publications.iadb.org/pt/startups-do-brasil-em-meio-pandemia-como-o-ecossistema-brasileiro-de-startups-tem-enfrentado-crise> Acesso em: 17 out. 2020.
- Moon, S. (2011). What determines the openness of a firm to external knowledge? Evidence from the Korean service sector. *Asian Journal of Technology Innovation*, 19(2), 185-200.
- Perez, L., Whitelock, J.; Florin, J. (2013). Learning about customers Managing B2B alliances between small technology startups and industry leaders. *European Journal of Marketing*, 47(3-4), 431-462.
- Ries, E. (2012). *A Startup enxuta: como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas*. São Paulo: leYa, 1.
- Steiber, A., Alänge, S.; Corvello, V. (2020). Learning with startups: an empirically grounded typology [Article]. *Learning Organization*.
- Tidd, J., Bessant, J.; Pavitt, K. (2008). *Gestão da inovação* (3rd ed.). Porto Alegre Bookman.
- Toole, A. A., Czarnitzki, D.; Rammer, C. (2015). University research alliances, absorptive capacity, and the contribution of startups to employment growth. *Economics of Innovation and New Technology*, 24(5), 532-549.

- Tranfield, D., Denyer, D.; Smart, P. (2003). Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review. *British Journal of Management*, 14(3), 207-222.
- Zahra, S. A.; George, G. (2002). Absorptive Capacity: a review, reconceptualization, and extension. *Academy of Management Review*, 27(2), 185-203.

ÍNDICE REMISSIVO

- A**
- aplicativo, 6, 7, 22, 42, 56, 118, 119, 124, 125, 126, 127
- aprendizagem interorganizacional, 11, 14, 16, 17, 18, 19
- arquitetura da escolha, 6, 118, 119, 127
- B**
- Budismo, 80, 82, 84, 85, 87
- C**
- capacidade absorptiva, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19
- Cidade Inteligente, 6, 130, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144
- coaching, 6, 7, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100
- comunicação interna, 5, 7, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47
- conceito, 6, 9, 37, 42, 44, 49, 53, 57, 58, 62, 64, 91, 103, 104, 130, 136, 137, 138, 140, 143, 144
- conhecimento, 149, 150, 151, 152, 153
- D**
- desenvolvimento, 149, 151
- Design* de serviços, 7, 48
- destino turístico, 49, 50, 51, 52, 53, 57, 58, 63, 65, 70, 71
- E**
- empreendedorismo, 6, 7, 14, 29, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 85, 86, 162
- empreendedorismo social, 6, 7, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 85, 86
- G**
- gestão
- da inovação, 5, 10, 38, 39, 40, 41, 43, 44
- de Processos de Negócios, 6, 101, 102
- Governança Multinível, 62, 63, 65, 66, 70, 73
- I**
- incidentes críticos, 82, 85
- inovação, 7, 25, 36, 37, 47, 101, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 162, 163, 164
- L**
- liderança, 153
- M**
- maturidade em BPM, 6, 102, 104, 107
- método *Lean Startup*, 23, 24, 30
- Multigov, 62, 63, 66, 68
- N**
- nudge, 6, 119, 122, 125, 126
- O**
- organizações do conhecimento, 7, 22, 23, 24, 26
- P**
- práticas de gestão do conhecimento, 6, 7, 88, 93, 97, 98, 99, 101
- processo de inovação, 5, 7, 22, 23, 33, 40, 43, 117
- R**
- revisão sistemática, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 33, 36, 64, 81, 88, 93, 130, 131, 143, 144
- S**
- Santa Catarina, 5, 8, 22, 37, 42, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 86, 87, 101, 106, 117, 143, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166
- serviço público, 6, 88, 89, 92, 95
- startups, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 150, 166
- T**
- turismo, 5, 48, 49, 52, 54, 56, 57, 58, 62, 63, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 151
- V**
- valor social, 76, 78
- vantagem competitiva, 25, 26, 31, 34, 39

SOBRE OS ORGANIZADORES



EDUARDO ZEFERINO MAXIMO

Mestrando em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC-UFSC), Membro do Núcleo de Estudos em Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação (IGTI). Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2004), Pós graduado em Marketing (2005). Atualmente é Gerente Executivo do Movimento Catarinense para Excelência - Excelência SC. Já atuou como professor de Pós-Graduação na Faculdade Anglo-Americano na cadeira de Gestão Empresarial e também atuou na Faculdade de Tecnologia Michel como Professor das Disciplinas de Comunicação Integrada ao Marketing, Planejamento de Marketing, Orientação ao Trabalho de Conclusão de Curso e Estágio. Exerceu ainda as funções de Coordenador de Marketing e Qualidade e Gerente de Desenvolvimento Institucional da Sociedade Literária e Caritativa Santo Agostinho - Hospital São José. Atuou ainda como Analista de Assessoria de Gestão na Thomson Reuters/Domínio Sistemas. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Gestão da Excelência (Planejamento estratégico, análise e solução de problemas, Fundamentos da excelência, Lean Six Sigma, Gestão por processos) e de marketing, atuando principalmente nos seguintes temas: marketing, satisfação do cliente, fidelização, satisfação.



GISELY JUSSYLA TONELLO MARTINS

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC-UFSC), Mestre em Administração (UFSC), MBA em Marketing (FGV), Especialista em Tecnologias Educacionais (UNISOCIESC), Graduação em Administração (UFSC). Pesquisadora do Laboratório ENGIN / EGC / UFSC. Possui formação em Gestão para Empreendedores (CUOA Business School, Vicenza, Itália) e em Negociação,

Mediação, Conciliação e Arbitragem. Possui experiência profissional nas áreas de marketing, vendas e serviços, além de ter atuado como coordenadora de cursos de graduação e pós-graduação. Atualmente realiza consultorias e ações de treinamento e desenvolvimento para empresas de todos os portes, além de mentorias para empreendedores e startups. Também atua como professora da Faculdade CESUSC mantida pelo Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina, nos cursos de Administração e Tecnologia em Marketing. É também professora convidada do MBA da Universidade Estácio de Sá.



JOÃO ARTUR DE SOUZA

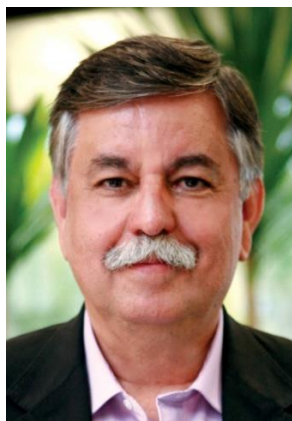
Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina no Departamento de Engenharia do Conhecimento. Graduação em Matemática (Licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1989) e em Direito pela Universidade do Sul Catarinense, mestrado em Matemática e Computação Científica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993) e doutorado na área de Inteligência Artificial em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999). Trabalhou na Universidade Federal de Pelotas de 1993 a 2007 como professor na área de Matemática, atuando especialmente em Educação a Distância. Foi coordenador dos Cursos de Graduação em Matemática e Matemática a Distância (2005-2006). Líder do Grupo de Pesquisa IGTI - Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação (Líder) e ENGIN – Engenharia da Integração e Governança do Conhecimento. Pesquisa na área de Inovação, Inteligência Artificial, Gestão do Conhecimento, Gestão de Risco e Controle Interno, e Universidade Corporativa. Atua como professor no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC na área de Inteligência e Gestão para Inovação. É autor de centenas de artigos publicados em revistas científicas e anais de evento, e autor do livro Introdução a Lógica Matemática (2010), e editor dos livros: Inovação em Segurança

Pública (2018), Inteligência para Inovação (2018), Empreendedorismo e Inovação Social (2017), Ciência, tecnologia e inovação: pontes para a segurança pública (2016), Cadernos de pesquisa em inovação: as novas tecnologias e as tendências em inovação (2013).



LUANA EMMENDOERFER

Doutoranda em Gestão do Conhecimento pelo Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2011), Especialista em Desenvolvimento Regional e Sócio Ambiental pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2008), Bacharel em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2006). Desde 2010 é servidora efetiva do estado de Santa Catarina na função de Analista de Turismo atuando na área de políticas públicas de turismo, pesquisas, inovação e elaboração de projetos turísticos. Co-idealizadora da ferramenta Almanach – dados para o turismo catarinense e do INOVATUR – 1º Programa de Inovação aberta focado no turismo catarinense. Atualmente Diretora de Estudos e Inovação da Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina, membro da Rede de Inteligência do Turismo de Santa Catarina, da Rede Brasileira dos Observatórios de Turismo e do grupo de pesquisa KnowTour; Revisora de periódicos nacionais e internacionais relacionados a turismo. Tem interesse em trabalhos relacionados à governança do conhecimento e turística, destinos turísticos inteligentes, inovação, sistemas de inteligência turística e economia criativa.



NERI DOS SANTOS

CEO do Instituto STELA e professor Sênior do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (EGC/UFSC. Graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1976), especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Federal de Santa Catarina (1977), Mestrado em Ergonomie pela Université de Paris XIII (1982), França. Doutorado em Ergonomie de Ingenierie; pelo Conservatoire National des Arts et Metiers (1985), França e Pós-doutorado em Ingenierie Cognitive pela École Polytechnique de Montréal- Canadá. Ex-Presidente da ABEPRO, Gestão 92/93 e 94/95. Ex-Decano da Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR 2015/2018.). Faz parte do Conselho Editorial das seguintes revistas: American Journal of Industrial Engineering, International Journal of Knowledge Engineering and Management, Ação Ergonômica, Gestão Industrial, INGEPRO Inovação, Gestão e Produção e Revista de Ciência e Tecnologia.



PALMYRA FARINAZZO REIS REPETTE

Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Engenharia Civil pela Universidade de São Paulo (1998), na área de Tecnologia e Gestão da Produção. Atualmente, é Analista Judiciário, apoio especializado Engenharia Civil, no Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina. Trabalhou como auditora de Sistemas de Gestão da Qualidade ISO 9000 pela Fundação Carlos Alberto Vanzolini, da Universidade de São Paulo, e como consultora do Centro de Tecnologia de Edificações (CTE/SP). Atuou como Professora Substituta do Departamento de Construção Civil da Universidade Federal de Juiz de Fora e como Professora Substituta do Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou como consultora autônoma e auditora de

sistemas de gestão da qualidade com base nas normas ISO 9000. Tem experiência na área de Engenharia Civil, com ênfase em construção civil.



RICARDO PEREIRA

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC) da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Engenharia de Produção, na área de inteligência organizacional pela Universidade Federal do Santa Catarina (2009). Graduado em Administração de Empresas (2002) e em Direito (2013), ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina, com especialização/MBA em Gestão Global pela Universidade Independente de Lisboa (2004). Pesquisador do Laboratório de Liderança e Gestão Responsável LGR/EGC/UFSC. Servidor Público Federal desde 2004. Administrador/Analista da UFSC-Universidade Federal de Santa Catarina, Procuradoria Geral Federal (PF/AGU) e IBGE, exercendo atividades relacionadas à supervisão, programação, coordenação e execução especializada, em um grau de maior complexidade, relacionada a estudos, pesquisas, análises e projetos de administração de pessoal, material, orçamento, organização e métodos. Atualmente atua como Analista de Planejamento, Gestão e Infraestrutura, exercendo suas atividades na Procuradoria da União no estado de Santa Catarina (PU/AGU). SCOPUS ID: 57218597763.

SOBRE OS AUTORES



PATRICIA DE SÁ FREIRE

Professora do Departamento de Engenharia do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, assumindo o cargo de Coordenadora de Ensino. Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Programa de Pós Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento/ UFSC (2013). Mestre em EGC/UFSC (2010). Autora de sete livros e mais de 300 artigos científicos publicados em congressos nacionais e internacionais, periódicos e capítulos de livros, destacando a coautoria de capítulos da obra Interdisciplinaridade em Ciência Tecnologia; Inovação contemplada com 2º lugar no Prêmio Jabuti no ano de 2011 e, outros artigos premiados em congressos. Possui graduação em Pedagogia, com habilitação em Tecnologias da Educação, pela PUC/RJ (1986). É especialista em Marketing pela ESPM/RJ (1987) e em Psicopedagogia pela UCB/RJ (2006). Atualmente é líder do Laboratório ENGIN - Engenharia da Integração e Governança do Conhecimento para a Inovação e membro dos Grupos IGTI (Núcleo de Inteligência, Gestão e Tecnologia para a Inovação/UFSC) e, do KLOM (Interdisciplinar em Conhecimento, Aprendizagem e Memória Organizacional/UFSC). É Editora do International Journal of Knowledge and Management (IJKEM).



RODRIGO GUERRA GARCIA

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Possui graduação em Administração pela Universidade Estácio de Sá (2015). MBA em Gestão Empresarial pela FGV (2018). Atualmente é consultor de projetos. Tem experiência na Administração Pública, com ênfase em gestão de projetos e planejamento. Possui conhecimentos específicos na área da saúde.



ROGÉRIO CID BASTOS

É professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Ocupa, desde maio de 2016 o cargo de Pró-reitor da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduações em Estatística pela Universidade Federal do Paraná (1978); Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1979); mestrado em Engenharia de Produção - Pesquisa Operacional pela Universidade Federal de Santa Catarina (1983); especialização em Engenharia de Sistemas pela Universidade Técnica de Lisboa (1988) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994). Possui ampla experiência administrativa na gestão do Ensino Superior. Foi Pro-Reitor de Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul (2010-2011); Secretário de Informática da Universidade Federal da Fronteira Sul (2009-2010); Secretário de Informática da Universidade Federal de Santa Catarina (1996-2004); dentre outros cargos de direção, chefia e coordenação.



KLEITON LUIZ NASCIMENTO REIS

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, e Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). É ainda Especialista em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais pelo SENAC-SC e trabalha na área de Marketing Digital e como professor de Marketing nos cursos de Graduação do SENAC-SC. Também possui experiências profissionais nas áreas de assessoria de comunicação e jornalismo online, além de integrante do Grupo de Pesquisa Psicologia, Subjetividade, Inovação e Conhecimento (PSIC).



GERTRUDES APARECIDA DANDOLINI

Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre (1997) e Doutora em Engenharia de Produção (2000), e licenciada em Matemática (1992) pela UFSC. Foi professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) entre 1993 e 2007, onde foi coordenadora dos cursos de Lic. em Matemática presencial e do a distância. Foi pesquisadora da Universidade Aberta do Brasil (UAB) entre 2007 e 2011. Foi coordenadora e subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC) entre 2016-2017 e 2018-2019, respectivamente. Atualmente é líder do Grupo de Pesquisa Inteligência, Gestão e Tecnologia para Inovação (IGTI) e membro do ENGIN - Engenharia da Integração e Governança do Conhecimento. Ministra na graduação: Teoria Geral dos Sistemas, Criatividade e Inovação e Gestão da Inovação. Na pós-graduação é professora do PPGEGC/UFSC na área de inovação. Linhas de pesquisa: Front End da Inovação, Inteligência para Inovação, Gestão de Inovação, Inovação Social e Universidade Corporativa.



LEONARDO L. L. DE LACERDA

Mestre em Lazer pela UFMG (linha temática de Formação e Atuação Profissional. Museu e Marketing de Serviços), Especialista em Lazer pela UFMG (abordagem sobre jogo e grupos sociais). Graduado em Turismo pelo Centro Universitário Newton Paiva (abordagem sobre ludicidade e saúde). Graduação incompleta em Administração pela Faculdade de Estudos Administrativos (FEAD). Coach pelo Instituto Brasileiro de Coaching. Atualmente é doutorando em Engenharia e Gestão do Conhecimento na UFSC (linha de pesquisa em Gestão do Conhecimento e Sustentabilidade).



FERNANDA KEMPNER MOREIRA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC). Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Especialista em Marketing e Gestão de Pessoas (2002) e Gestão Financeira e Contábil (2008). Graduada em Administração pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Paranaíba (2001). Membro do Grupo de Pesquisa ENGIN Núcleo de Engenharia da Integração e Governança do Conhecimento para a Inovação. Possui experiência como docente, atuando principalmente nas disciplinas: administração da produção, gestão de pessoas e gestão da qualidade.



GREGÓRIO JEAN VARVAKIS RADOS

Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina, Depto de Engenharia do Conhecimento atuando no ensino da graduação (Engenharias e Ciência da Informação) e nos programas de Pós-graduação de Engenharia e gestão do conhecimento e Ciência da Informação. Possui graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1979), mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1982) e doutorado em Manufacturing Engineering - Loughborough University of Technology (1991). Tem experiência na área de Gestão, com ênfase em Gestão de Processos, Gestão do Conhecimento e Gestão de Organizações de Serviços, atuando principalmente nos seguintes temas: inovação, gestão do conhecimento, produtividade, melhoria contínua, tecnologia de informação e fluxo informacional.



JULIANA FRANDALOZO ALVES DOS SANTOS

Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Bolsa Capes / Proex de Doutorado, Dedicção exclusiva. Investigadora em Gestão de Risco e Desastres e Gestão do Conhecimento com foco em Comunicação, Resiliência e Liderança. Mestre em Jornalismo (2014) para o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (UFSC), Bacharel em Jornalismo (2010) (UFSC). Jornalista multimídia, atuando como repórter de jornalismo impresso e online, em comunicação institucional estratégica, edição e redação, em diversas línguas, estilos e veículos, com experiência em coordenação e treinamento de equipes. Fez intercâmbio acadêmico na Universidade de Santiago do Chile, em 2009. Foi corretora da Capes e pesquisadora do Centro Universitário de Estudos e Pesquisas em Desastres da Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalhou como cantora lírica e atriz durante ou ensinou e vivenciou a importância da criatividade na construção da resiliência. Áreas de interesse: Gestão do Risco e Desastre; Liderança; Comunicação e Planejamento Estratégico em Organizações.



ANA MARIA BENCCIVENI FRANZONI

É professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC do Departamento de Engenharia Civil, do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento e do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Transportes e Gestão Territorial. Engenheira Civil, Especialista em Gestão de Pessoas por Competência e Coaching, Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e Doutora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP. Coordenou o Curso de Especialização em Operações Rodoviárias - UFSC/Labtrans/Dnit. Atualmente é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Transportes e Gestão Territorial.



LUCIANO A. NASCIMENTO MACHADO

Mestrando em Engenharia e gestão do conhecimento EGC/ UFSC Universidade Federal De Santa Catarina. Bolsista CAPES - PROEX. Pós-graduado em Coaching pela Universidad Europea del Atlantico, através da Fundação Universitária Iberoamericana FUNIBER. Graduado Hotelaria pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina IFSC. Membro do Grupo de Pesquisa-Laboratório de Engenharia do Conhecimento (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6582228186571058). Atuando na linha de pesquisa em Engenharia do conhecimento em destinos turísticos inteligentes. Tem experiência na área de Hotelaria; Turismo, com ênfase na liderança e gestão de equipes na hotelaria.



RITA LUCIA BELLATO

Mestranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Especialização em Administração, Gestão Pública e Políticas Sociais pela Faculdade Dom Bosco de Ubiratã. Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Integrante do Grupo de Pesquisa (ERGON) em Gestão do Conhecimento da UFSC, autora de capítulo e organizadora de livro e de artigos em periódicos especializados e em anais de eventos, nacionais e internacionais. Atuante na Linha de Pesquisa de Teoria e Prática em Gestão do Conhecimento com foco nas áreas de Gestão Pública, Competências Digitais, Transformação Digital, Capacidades Organizacionais, Auditorias Governamentais, Auditoria do conhecimento, Liderança, Coaching e Empreendedorismo. rita.lucia@ufsc.br.



MARCIO CRESCENCIO

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC, com mestrado em Administração pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Especialização em Redes de Computadores pela UTFPR e Gestão Pública na Educação Profissional Tecnológica pelo IFSC. Graduação em Ciência da Computação na UNIPAN; servidor efetivo no cargo de Analista de Tecnologia da Informação do Instituto Federal Catarinense desde de 2008; foi coordenador e Diretor de Tecnologia da Informação; atua no setor Coordenação de Sistemas com desenvolvimento e suporte de sistema integrado de gestão das atividades acadêmicas; tem experiência profissional em planejamento e gestão de Tecnologia da Informação e Comunicação, desenvolvimento e suporte em sistemas de informação e administração de banco de dados. Tem interesse pelos seguintes temas: Gestão Pública, Gestão de Tecnologia da Informação, Gestão do Ensino Superior e da Educação Profissional e Tecnológica, Engenharia e Gestão do Conhecimento. Atualmente pesquisa sobre métodos, técnicas e ferramentas para a construção de modelos e sistemas de conhecimento.



ALEXANDRE ALCIDES DA CONCEIÇÃO NETO

Doutorando do curso de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, mestre em Engenharia Ambiental pela UFSC (2004) e graduado em Administração pela UFSC (2000). Atualmente é Gerente de Projetos da Secretaria de Estado da Agricultura de Santa Catarina - SAR e Coordenador Executivo do Núcleo de Inovação Tecnológica para a Agricultura Familiar - NITA. Foi Coordenador de Projetos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC de 2007 a 2019, responsável pelo acompanhamento e avaliação de projetos de pesquisa e inovação.



KAROLINE DE MACEDO SANTOS

Mestranda em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento pela UFSC e também especialista em Gestão de Marcas e Comunicação Estratégica pela UFBA. Formada em Relações Públicas, já passou por inúmeras agências de publicidade atendendo clientes como Coca-Cola, Natura e Grupo Brasil Kirin. Ainda na Bahia, deu aulas durante dois anos no Instituto Tecnológico do Território do Sisal. Atualmente em Florianópolis, pesquisa e trabalha com Nudges e Economia Comportamental nas consultorias desenvolvidas pela Florin. É sócia e co-fundadora da Florin, um negócio de impacto social que através de consultorias financeiras e de modelagem de negócio auxilia mulheres empreendedoras a gerir de forma sustentável os seus próprios empreendimentos se posicionando no mercado de maneira mais competitiva.



MARIA JOSÉ BALDESSAR

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2006), Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999), coordenadora do Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação, da Intercom e do grupo de pesquisa MidiaCon - Mídia e Convergência, Certificado pelo CNPq. É professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É docente permanente nos programas de Pós-Graduação de Engenharia e Gestão do Conhecimento e no de Estudos da Tradução. Ministra disciplinas na graduação em Jornalismo relacionadas ao jornalismo online, economia da mídia e produção textual. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Especializado (Comunitário, rural, empresarial, científico, institucional), atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo, internet, hipermídia, jornalismo online, economia da mídia, história da mídia, convergência digital, usabilidade e ensino de jornalismo. Integra o Núcleo de Televisão Digital Interativa, onde coordena os projetos de extensão, entre eles o www.cotidiano.ufsc.br.



ADILSON ALBUQUERQUE

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, na área Mídia do Conhecimento, na UFSC. Possui Especialização em História pela Universidade Federal do Paraná (2005). Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1994), em Ciências Religiosas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1997) e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2000). Foi professor nomeado da Prefeitura Municipal de Curitiba de 2002 a 2013 e do Estado do Paraná de 2004 a 2013, sendo que do ano de 2007 a 2012 atuou na Secretaria Municipal da Educação de Curitiba com formação continuada de professores. Atualmente atua como Policial Rodoviário Federal, na Universidade Corporativa da Polícia Rodoviária Federal - UniPRF, na área de capacitação dos servidores.



ANDREICI DAIANI VEDOVATTO VITOR

Mestranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento - EGC na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Pós-graduada em Desenvolvimento e Tecnologia pela Unochapecó e UNC Campus Concórdia (2013). Especialista em Gestão de Pessoas pela Unochapecó (2011). Bacharel em Administração pela Unochapecó (2009). Atua como Professora de Inovação junto ao SENAC Santa Catarina, onde é também idealizadora e coordenadora do Curso Superior em Tecnologias e Design de Negócios, focado em formar profissionais com conhecimento nas áreas de negócios digitais, design digital e desenvolvimento de soluções, aptos a empreender ou liderar times de tecnologia e processos de transformação digital em organizações. Desenvolve estudos na área de empreendedorismo e inovação, gestão do conhecimento e cidades inteligentes. É membro do Grupo de Pesquisa LabCHIS UFSC. Atuou como professora de empreendedorismo no curso de Administração da Unochapecó. Atuou como agente do InovAtiva Brasil 2015 e 2016.



EDUARDO MOREIRA DA COSTA

Diretor Geral do laboratório internacional LabCHIS (Cidades mais Humanas, Inteligentes e Sustentáveis) com bases na UFSC e no Rio, e consultor independente. Professor do Departamento de Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC. Autor do livro *Global E-commerce Strategies for Small Businesses* (MIT Press, 2001), publicado em Inglês, Chinês e Japonês (2001 a 2003). Criador e coordenador do primeiro MBA em e-Gov do país, o MeGA. Consultor do BID (na área de e-commerce), Banco Mundial (coordenador de avaliação do Programa InfoDev) e UNCTAD nas áreas de cidades mais humanas, inteligentes e sustentáveis; inovação; negócios eletrônicos; e governo eletrônico. Nos EUA, foi "visiting scholar" na Universidade de Harvard de 1997-2002. No Brasil, foi Diretor de Inovação da FINEP (2007-2010), criador dos programas PRIME, JURO ZERO e 14Bis; Diretor do CNPq (1993-1997), criador do programa SOFTEX 2000 de incentivo à exportação brasileira de software; Pesquisador do CPqD da TELEBRÁS e consultor do IEL-Nacional (onde escreveu o primeiro manual brasileiro sobre o comércio eletrônico, ainda em 1998) e dezenas de empresas e organizações. Dr. Eduardo Moreira da Costa é engenheiro eletricista e M.Sc. em Ciência da Computação pela UFMG e Ph.D. em eletrônica pela Universidade de Southampton, na Inglaterra. Membro da Ordem do Mérito Científico do Governo Brasileiro (2010). Conselheiro de entidades e membro do Conselho de Administração da HOPLON em Florianópolis, é palestrante conhecido no Brasil e no exterior nas áreas de Inovação; Cidades mais Humanas, Inteligentes e Sustentáveis; Novas Políticas Públicas e Organizacionais; Capital de Risco e Empreendedorismo. É ainda membro do Laboratório de Habitats de Inovação e Empreendedorismo da UFSC (<https://www.inlab.ufsc.br>).



LUCIANA MELO HERVOSO

Bacharel em Comunicação Social pela PUC-Rio, MBA em Gestão de Recursos Humanos pela UNIP. Atuou como especialista em Cerimônias de Premiação nos Jogos Olímpicos de 2016, como gerente de eventos na Embaixada do Brasil em Londres nos Jogos Olímpicos de 2012. Formada pela SLAC em Coaching de Vida, Executivo e de Liderança em 2016. Desenvolveu habilidades em meditação e mindfulness na Oneness University na Índia e em Yoga do Som no Canadá com Guy Lussier. Escreveu artigos sobre Cidades Inteligentes pelo grupo de estudos LabChis/UFSC. Especialista em Desenvolvimento Pessoal e Profissional desenvolve treinamentos para equipes, liderança, orientação de transição de carreira e estratégias para a realização de sonhos e metas. Atualmente cursando Computer Science na University of the People.



JAMILE SABATINI MARQUES

Diretora de Inovação e Fomento da ABES - Associação Brasileira das Empresas de Software e Presidente da Câmara de Tecnologia e Inovação da FECOMÉRCIO - Federação do Comércio de Bens, de Serviços e de Turismo de Santa Catarina. Trabalha com inovação e tecnologia desde 2004. Pesquisadora de Pós-Doutorado da USP, no Instituto de Estudos Avançados, Programa Cidades Globais e em Desenvolvimento Baseado no Conhecimento no EGC/UFSC. Participa do Laboratório de pesquisa LabChis de Cidades Humanas e Inteligentes. É doutora pelo Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC, a tese demonstra a importância de fomentar a inovação para gerar desenvolvimento econômico baseado no conhecimento. Fez doutorado sanduíche na Queensland University of Technology - QUT, Austrália. É mestre em Gestão da Inovação pela École de Mines de St-Étienne (França), especialista em gestão de empresas pela Univali e graduada em Administração com Habilitação em Comércio Exterior pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas. Foi Coordenadora da

incubadora Midi Tecnológico de 2004 a 2012, onde recebeu prêmio de melhor incubadora do Brasil em 2008 e 2012. Foi Diretora Executiva da Acate de 2006 a 2012. Tem experiência na área de gestão, atuando principalmente nos seguintes temas: Inovação, Fomento, Fundos de investimento, cidades humanas inteligentes e representação institucional. É membro do conselho do International Journal of Knowledge-Based Development (IJKBD) (www.inderscience.com/ijkbd); Membro do Comitê Assessor do Programa Start-up Brasil do MCTIC (ABES), Membro do comitê de IOT da ABDI e INMETRO. É membro do Conselho Municipal de Inovação de Florianópolis/SC (Fecomercio).



Santa Catarina destaca-se nacionalmente como um Estado inovador, berço de startups e com um polo tecnológico em amplo desenvolvimento. Também, dotado de belezas naturais e um litoral encantador, é um dos principais destinos turísticos do Brasil. Esse contexto, aliado à peculiaridade de abrigar um povo empreendedor caracteriza o Estado Catarinense como um dos mais desenvolvidos (social e economicamente) do país.

ISBN 978-658831945-1



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br